

# MIGRAÇÃO E ESCOLARIZAÇÃO EM UMA ESCOLA PÚBLICA EM FLORIANÓPOLIS/SC

MIGRATION AND EDUCATION IN A PUBLIC SCHOOL IN FLORIANÓPOLIS-SC

LA MIGRACIÓN Y LA EDUCACIÓN EN UNA ESCUELA PÚBLICA EM FLORIANÓPOLIS-SC

**Henrique de Brito Espinosa\***  
henrique\_hbe@hotmail.com

**Célia Regina Vendramini\*\***  
celiavedram@gmail.com

REVISTA PEDAGÓGICA

Revista do Programa de Pós-graduação em Educação da Unochapecó | ISSN 1984-1566

Universidade Comunitária da Região de Chapecó | Chapecó-SC, Brasil

Como referenciar este artigo: ESPINOSA, H. B.; VENDRAMINI, C. R. Migração e escolarização em uma escola pública em Florianópolis/SC. Revista Pedagógica, Chapecó, v. 18, n. 38, p. 136-150, maio/ago. 2016.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v18i38.3391>

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo analisar a incidência de estudantes migrantes no Ensino Médio na E.E.B. Padre Anchieta, em Florianópolis/SC, e compreender como sua condição de migrante interfere no processo de escolarização. A análise teve como base estudo bibliográfico sobre o tema, questionário aplicado aos jovens do Ensino Médio da escola, dois grupos focais, uma entrevista com a diretora e levantamento de documentos e dados da escola. No ano de 2015, existe um elevado número de estudantes migrantes matriculados no Ensino Médio da escola (109 do total de 230 estudantes). Verificou-se que a principal motivação desses estudantes migrantes é a busca de melhores condições de vida e oportunidades de trabalho; entretanto, devido às dificuldades de manutenção de vida na cidade, muitas vezes acabam retornando poucos meses depois de terem chegado a Florianópolis. Todo esse “vai e vem” dos migrantes acaba incidindo diretamente na escolarização desses jovens, pois, além dos problemas relacionados à adaptação na nova cidade, na escola e de terem que conciliar trabalho e estudo para ajudar na renda familiar, muitas vezes retornam para suas cidades no meio do calendário acadêmico.

**Palavras-chave:** Migração. Jovens. Escola. Ensino Médio.

**ABSTRACT:** This article aims to analyze the incidence of migrant students in high school in the E.E.B. Padre Anchieta, in Florianópolis/SC, and understand how their migrant status interferes in the schooling process. The analysis was based in bibliographic study about the subject, survey for young high school, two focus groups, an interview with the principal and documents and school data. In year 2015 there is a high number of migrant students enrolled in high school (109 of the 230 students). It was noted that the main reason of migrant students is the looking for better living conditions and job

opportunities, however, given the life support difficulties in the city, often end up returning a few months after they arrived in Florianópolis. All this “come and go” of migrants end up falling directly on the education of these young people, as well as problems related to adaptation in the new city and school and they have to reconcile work and study to help the family income, often they return to their cities in the middle of the school calendar.

**Keywords:** Migration. Young. School. High School.

**RESUMEN:** Este artículo tiene como objetivo analizar la incidencia de los estudiantes migrantes de secundaria en la E.E.B. Padre Anchieta, en Florianópolis/SC, y comprender cómo su condición migratoria interfiere en el proceso de escolarización. El análisis se basó en estudio bibliográfico sobre el tema, cuestionario a los jóvenes de educación secundaria, dos grupos de enfoque, una entrevista con la directora y encuesta y datos de la escuela. En el año 2015 hay un alto número de estudiantes migrantes inscritos en la educación secundaria (109 del total de 230 estudiantes). Se constató que la motivación primaria de los estudiantes migrantes es la búsqueda de mejores condiciones de vida y oportunidades de trabajo, sin embargo, dadas las dificultades que sustentan la vida en la ciudad a menudo terminan volviendo unos meses después de su llegada a Florianópolis. Todo esto “flujo y reflujo” de los migrantes terminan cayendo directamente en la educación de estos jóvenes, así como los problemas relacionados con la adaptación de la nueva ciudad, la escuela y tienen que hacer malabares con el trabajo y el estudio para ayudar en la economía familiar, a menudo regresan para sus ciudades en el medio del calendario académico.

**Palabras clave:** Migración. Jóvenes. Escuela. Escuela secundaria.

\* Graduado em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Estudante de Ciências Sociais e bolsista de Iniciação Científica (UFSC/PIBIC). Membro do Núcleo de Estudos sobre as Transformações no Mundo do Trabalho (TMT).

\*\* Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (USFCAR). Professora titular da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista de pesquisa do CNPq. Membro do Núcleo de Estudos sobre as Transformações no Mundo do Trabalho (TMT).

<sup>1</sup> A pesquisa foi desenvolvida no Programa de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade Federal de Santa Catarina, 2014/2015.

<sup>2</sup> Tal estudo também está relacionado com um projeto de pesquisa matricial, intitulado “Juventude pobre e escolarização: relações com a cultura e a escola em territórios de precariedade” e que tem como objetivo geral conhecer as relações que a juventude pobre estabelece com a escola e com a cultura das periferias urbanas, considerando: os sentidos atribuídos à escola e ao processo de escolarização, os motivos que geram a evasão e o abandono escolar, as expectativas dos jovens quanto ao futuro profissional, bem como seus engajamentos para além da escola.

<sup>3</sup> Ao todo, 109 alunos de sete turmas do Ensino Médio da E.E.B. Padre Anchieta responderam ao questionário, sendo 22 alunos do primeiro ano do turno matutino, 25 alunos do segundo ano matutino, 15 alunos do terceiro ano matutino, 21 alunos do primeiro ano vespertino, oito alunos do primeiro ano noturno, 11 alunos do segundo ano noturno e sete alunos do terceiro ano noturno.

## 1 INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo analisar a incidência de estudantes migrantes no Ensino Médio na Escola de Educação Básica Padre Anchieta, em Florianópolis, e compreender como a mobilidade dos jovens afeta a sua escolarização.

A pesquisa que resultou neste artigo<sup>1</sup>, além de contar com análise bibliográfica sobre a temática da migração, utilizou documentos da escola pesquisada, bem como estudo empírico, com base em questionário, grupo focal e entrevista. O questionário<sup>2</sup> foi aplicado a jovens do Ensino Médio da Escola Padre Anchieta<sup>3</sup> com o intuito de levantar dados sobre a relação dos jovens com a escola, tendo em vista alguns eixos: dados gerais e condições socioeconômicas, culturais e de moradia dos jovens; a condição do jovem estudante; os motivos que afastam o jovem da escola; os motivos que fortalecem a relação dos jovens com a escola; as expectativas do jovem quanto ao futuro da sociedade. Entre as questões, foram contempladas informações sobre a origem dos estudantes, os estados e as cidades em que eles já moraram, o tempo de moradia em Florianópolis, o número de escolas em que estudaram e os motivos que os levaram a trocar de escola.

Foram realizados dois grupos focais com duas turmas do Ensino Médio (noturno e diurno), abordando a temática do trabalho e das expectativas dos estudantes quanto ao futuro. Em ambos os grupos focais, havia a presença de alunos migrantes que falaram sobre sua condição de migrante, de trabalhador e de estudante, revelando os problemas enfrentados para viver e estudar em Florianópolis.

Realizou-se, também, uma entrevista com a direção da E.E.B. Padre Anchieta, com foco na problemática dos alunos migrantes que estudam na escola e o levantamento de documentos e dados: Projeto Político-Pedagógico; Censo 2015 da unidade escolar com o número de alunos matriculados por níveis de ensino, turma e turno; levantamento do número de alunos migrantes das turmas de Ensino Médio dos três turnos da escola no ano de 2015 (quatro turmas do primeiro ano do Ensino Médio, duas turmas do segundo ano e duas turmas do terceiro ano), bem como seus respectivos históricos escolares, por meio de análise das fichas de matrícula.

Com base nos dados coletados na Escola, neste artigo são abordados os seguintes temas: a problemática das migrações na região Sul e na cidade de Florianópolis; as expectativas *versus* a realidade dos jovens migrantes estudantes da Escola Padre Anchieta, no que diz respeito ao trabalho e à manutenção da vida; as motivações que levaram estudantes da escola a migrarem para Florianópolis; o papel da rede de amigos e familiares que já moram em Florianópolis na decisão pela migração; os principais problemas e as dificuldades dos migrantes na escola, em relação aos preconceitos que sofrem, ao elevado fluxo de migrantes na escola e as consequências de tal fluxo no processo de escolarização desses estudantes.

## 2 A QUESTÃO DAS MIGRAÇÕES

<sup>4</sup> Dados obtidos do último censo demográfico do IBGE. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=420540&idtema=97&search=santa-catarina|florianopolis|censo-demografico-2010:-resultados-da-amostra-migracao-->>>. Ver, também, IBGE, 2012.

De acordo com o último censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010)<sup>4</sup>, a região sul, no quinquênio 2005-2010, foi a região do país que mais aumentou sua mobilidade espacial. Isso graças ao estado de Santa Catarina, que atraiu um volume 59% maior de imigrantes durante esses anos. Ainda segundo o IBGE, nesses cinco anos, 301.341 pessoas imigraram para o estado de Santa Catarina e 128.888 emigraram para outros estados, gerando um saldo migratório no estado de 172.463 pessoas, considerado o terceiro maior saldo migratório de todo o país, segundo o Censo, ficando atrás apenas dos estados de São Paulo e Goiás.

Segundo o Censo de 2010, a cidade de Florianópolis possui 421.240 habitantes, sendo que 2.220 são oriundos da região norte do país, 8.081 da região nordeste, 31.448 da região sudeste, 369.101 da região sul, 4.568 do centro-oeste, 4.622 vindos de outros países e, ainda, 1.200 pessoas são do Brasil, sem identificação da região de origem (IBGE, 2010). Sendo assim, sem contar os migrantes oriundos da região sul e os migrantes cujo Censo não divulga a procedência, somando o número de migrantes oriundos das demais regiões do Brasil e até mesmo de outros países, Florianópolis possui 50.919 migrantes<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> Esse número é maior, pois nele não estão contabilizados os migrantes que vivem em Florianópolis e que são oriundos do interior do estado de Santa Catarina, nem os que são dos estados do Paraná e do Rio Grande do Sul.

Conforme se observa, existe um grande fluxo populacional no estado de Santa Catarina e um elevado número de migrantes das mais diversas regiões do Brasil e até mesmo de outros países vivendo em Florianópolis. Logo, vê-se a importância de analisar a relação entre migração e escolarização, que é o ponto central deste texto.

Nota-se que um dos principais fatores que levam as pessoas a saírem de suas cidades de origem e se mudarem para outro local é a busca por melhores condições de vida e, portanto, a busca por melhores empregos. Ademais, esse fluxo migratório é realizado segundo a oferta e/ou a escassez de empregos. Ocorre que este fluxo muitas vezes não coincide com o período do calendário escolar, fazendo com que, de algum modo, o processo de escolarização do estudante migrante seja afetado.

As migrações das áreas rurais para as áreas urbanas no Brasil que ocorreram no período de 1930 a 1970 inspiraram diversos trabalhos clássicos da sociologia brasileira. Menezes (2012) explica que tais estudos se fundamentavam no paradigma histórico-estrutural, isto é, entendiam que as migrações eram resultado de fatores de expulsão e atração, na medida em que populações que residiam em setores considerados arcaicos e estagnados migravam para setores considerados mais modernos e em desenvolvimento. No entanto, a autora alerta que tais estudos “[...] tendiam a enfatizar o caráter definitivo das migrações rurais-urbanas ou entre as regiões Nordeste e Sudeste” (p. 22). Nas décadas de 1970 e 1980, outro grupo de pesquisadores começou a questionar esse caráter definitivo das migrações,

dando ênfase ao “[...] significado das migrações para as condições de reprodução social de populações de áreas rurais do Nordeste” (MENEZES, 2012, p. 22). Considerando a visão desses pesquisadores e essa nova forma de analisar os deslocamentos urbanos, nem sempre a migração caracterizava-se como êxodo rural, pois muitas pessoas que viviam em áreas rurais nordestinas migravam para áreas urbanas a fim de trabalharem e, depois, retornavam. Desse modo, a migração para as áreas urbanas seria realizada em nome da possibilidade de as pessoas juntarem dinheiro para permanecerem onde residiam e, também, melhorar a vida no campo.

A partir da década de 1970, na medida em que se redefiniam os conceitos de origem e destino dos migrantes, começou a ser usada a concepção de “migrações múltiplas”, referindo-se aos “trabalhadores que se deslocavam repetidas vezes sobre o espaço a fim de encontrar uma forma de sobrevivência” (MARTINE, 1982 apud MENEZES, 2012, p. 23-24). Esse tipo de migração, portanto, seria motivada pela busca de melhores condições de vida e de oportunidades de trabalho.

Menezes (2012, p. 25) enfatiza que “[...] as noções de origem e destino, conquanto importantes para as classificações das migrações, apresentam limitações para compreender tipos de migrantes que se deslocam permanentemente [...]”; de modo que caracterizar as migrações sempre como definitivas é insuficiente para compreendê-las. Observam-se, na atualidade, múltiplos deslocamentos – tanto de pessoas que migram para se fixarem em uma determinada localidade quanto de pessoas que se deslocam repetidas e inúmeras vezes em busca de trabalho.

Assim, na mesma direção, Silva (1992) propõe a categoria do “migrante permanentemente temporário” ou “migração temporária permanente”, referindo-se à situação dos que migram para determinada região para trabalhar durante um determinado período de tempo; mas que, depois, retornam para sua região de origem ou movem-se para outros locais. O “migrante permanentemente temporário” repete esse ciclo inúmeras vezes e, em muitos casos, realiza esse ciclo durante toda a sua vida, de modo que ele possui uma vida marcada pela permanente mobilidade.

Menezes (2012) reconhece que a temática da migração é um assunto complexo de ser tratado. E, apesar da existência de diversas categorias que tentam explicar esse fenômeno, a autora enfatiza a necessidade de questionar as classificações rígidas e fixas a fim de melhor “[...] compreender as especificidades de mobilidade de grupos e espaços migratórios” (p. 36).

Souza (2013) apresenta uma tipologia construída por estudiosos das Ciências da Demografia que ajuda a definir os diferentes padrões migratórios existentes, conforme segue:

- Êxodo rural em massa – esvaziamento do campo. Fenômeno existente ainda hoje e que teve início nos anos 1950 no Brasil.



- Migrações temporárias ou sazonais – pode ser caracterizada quando pessoas migram para trabalhar em safras agrícolas (cana-de-açúcar, café, laranja) por um período de quatro a sete meses; e, ao fim das safras, esses trabalhadores retornam para suas terras natais.
- Migrações limítrofes e/ou latino-americanas – ocorrem em regiões de fronteira do Brasil com seus países vizinhos, quando as pessoas entram e saem desses países.
- Migrações circulares ou pendulares – referem-se às pessoas que diariamente movimentam-se no interior de grandes metrópoles ou entre localidades vizinhas.
- Migrações externas – fluxos de pessoas de/para outros países.

Souza (2013, p. 3) define a migração como “[...] todo e qualquer deslocamento de grupos de indivíduos em diferentes direções”. E acrescenta que os fluxos migratórios obedecem à lógica do mercado de trabalho, na medida em que as pessoas migram em direção a regiões em que podem obter um emprego e melhores condições de vida. Então, fatores “[...] como crises econômicas, flagelos naturais, as transformações no mundo do trabalho e a precarização de suas relações” (SOUZA, 2013, p. 3-4) são alguns dos motivos que fazem com que grandes massas de indivíduos decidam se deslocar para outras regiões.

Souza (2013, p. 6) menciona, também, que os fluxos migratórios entre as regiões do Brasil refletem processos globais de mudanças sociais e econômicos, de modo que somente podem ser compreendidos

[...] a partir do conhecimento dessas mudanças. Assim, nos anos de 1950, o Brasil se inseriu na política internacional de consolidação do sistema capitalista, cujo centro orgânico era os EUA. Nesse momento, o país adotou a orientação desenvolvimentista, e, ao longo da década de 1960, sob comando da ditadura civil-militar criou o “milagre econômico”, políticas que mobilizaram grande número de pessoas pelo país, não apenas em direção à região sudeste mas também rumo às novas fronteiras econômicas e de ocupação territorial no Centro-Oeste e no Norte.

### 3 MIGRAÇÃO E ESCOLARIZAÇÃO

Sobre a influência da migração na vida escolar dos estudantes, Ferreira-Batista e Cacciamali (2012) afirmam que a migração familiar pode acarretar um impacto direto na vida dos filhos; porém, é preciso separar os impactos de curto e de longo prazo. Dessa forma, em curto prazo, “[...] os pais se adaptam ao mercado de trabalho, enquanto a criança se insere e se acostuma à vida escolar” (p. 3). Caso os pais não consigam se inserir no mercado de trabalho na

nova região ou caso essa inclusão no mercado de trabalho ocorra de maneira precária de modo que a renda familiar seja comprometida, o “[...] uso da mão de obra dos filhos passa a ser uma alternativa para a expansão da renda familiar” (p. 3).

Para Mincer (1978 apud MESQUITA; RAMALHO, 2011, p. 2), a decisão familiar de migrar nem sempre é benéfica para todos os membros da família e pode ser prejudicial inclusive para os filhos, e estes podem sofrer com o processo de adaptação ao novo ambiente e ao sistema escolar e, com isso, enfrentar dificuldades relacionadas à inserção em um novo mercado de trabalho e a uma possível e nova condição de estudante e trabalhador, situação que, inclusive, pode ser experimentada pela primeira vez.

Ferreira-Batista e Cacciamali (2012), após realizarem estudos sobre o impacto da condição de migração dos pais sobre a probabilidade de trabalho/estudo dos filhos, entre dez e 14 anos, no estado de São Paulo, chegaram à conclusão de que as chances dos filhos de migrantes trabalharem: “[...] crescem com a idade, são maiores entre os meninos, diminuem conforme a escolaridade dos pais aumenta, são influenciadas pela quantidade de irmãos mais novos e são especialmente elevadas em famílias monoparentais sob responsabilidade de mulheres” (FERREIRA-BATISTA; CACCIAMALI, 2012, p. 5).

Souza (2013), por meio de pesquisa com ex-alunos migrantes nordestinos e ex-professores no Pontal Mineiro entre as décadas de 1950 e 1990, analisou a inserção desses migrantes no novo espaço de sociabilidade e, por conseguinte, na nova escola. Os motivos da migração eram a busca de emprego e melhores condições de vida; contudo, ao chegarem ao novo estado, “[...] todos aqueles que carregavam o sotaque do Nordeste constituíam população marginalizada [...] formando uma espécie de massa indistinta diante da população local” (SOUZA, 2013, p. 1).

Com a obrigatoriedade escolar no Ensino Fundamental, Souza (2013) avalia que a migração passou a gerar uma demanda junto à rede de ensino pública que atendia aos alunos de bairros periféricos, bairros esses com maior concentração de migrantes. Tal fato provocou, também, o fenômeno dos alunos temporários, os quais migravam para acompanhar seus pais – que trabalhavam temporariamente na lavoura durante o período da safra, um período esse que nem sempre coincidia com o calendário escolar.

Toda a leva migratória para o Pontal Mineiro gerou diversas modificações na região, e a área da educação também foi afetada. Souza (2013) afirma que, a partir da década de 1950, as escolas estaduais do município de Ituiutaba/MG aumentaram consideravelmente. Passaram de duas, na década de 1950, para sete, na década de 1960. E, na década de 1970, foram criadas mais oito escolas públicas. Tal aumento do número de escolas foi um reflexo do crescimento populacional da região, em razão da migração para o Pontal Mineiro nesse período.

Dessa maneira, Souza (2013) avalia que os migrantes nordestinos tiveram um papel importante no desenvolvimento da região do pontal mineiro. No entanto, dentro desse contexto, construiu-se uma imagem negativa e preconceituosa em relação ao migrante. Tal imagem seria moldada também nas escolas, de modo que os filhos dos migrantes Nordestinos passaram a ser marginalizados “[...] em função de acentuados elementos culturais como sotaque e vestimentas, além das características físicas (tez morena)” (SOUZA, 2013, p. 12).

Além disso, esse estudo revelou que “[...] a exclusão desses migrantes em sala de aula se refletia na aprendizagem” (SOUZA, 2013, p. 12). Para a ex-professora entrevistada por Souza, os alunos migrantes possuíam uma dificuldade de se organizarem para realizarem atividades em sala de aula e, também, por terem dificuldades no aprendizado, de modo que o preconceito sofrido na escola, aliado às precárias condições sociais em que se encontravam os migrantes, acabava por ser um dos elementos determinantes da evasão escolar.

Souza e Silveira (2010, p. 247), ao pesquisarem a escolarização de mulheres nordestinas que migram para o Pontal do Triângulo mineiro nas décadas de 1950 a 1960, após realizarem sete entrevistas com ex-alunas migrantes que estudaram em instituições escolares na região, bem como analisarem documentos impressos e iconográficos, relatam que:

[...] a migração para o Pontal Mineiro era motivada por notícias em rádios e jornais por todo o país que difundiam a ideia do novo *el-dorado* nos anos de 1950, mas também pelos recados enviados por parentes e amigos dos primeiros migrantes que chegaram à região para o trabalho na lavoura.

Os autores ainda afirmam que, nos anos de 1950 e 1960, o acesso à escola pública começou a se expandir, de modo que os filhos dos migrantes pioneiros transpuseram os muros das escolas. Ao fazerem isso, “[...] eram olhados com certa desconfiança já que dividiam o espaço do mineiro, buscando as oportunidades de trabalho, além da expectativa de acesso a serviços públicos que desconheciam no seu local de origem, tais como saúde e educação” (SOUZA; SILVEIRA, 2010, p. 248).

Souza e Silveira (2010, p. 249) asseveram que “[...] existia uma diferenciação entre os próprios migrantes em função de sua origem social”, de modo que os poucos migrantes que migravam em melhores condições de vida conseguiam mais facilmente permanecer na escola. Os autores afirmam, ainda, que a permanência de estudantes migrantes nas escolas do Pontal Mineiro não era tranquila, pois sofriam discriminação tanto dos outros alunos, quanto do próprio professor que os punia constantemente por serem nordestinos. Logo, o preconceito a que foram submetidos

“[...] afetava não só a interação professor-aluno mas também o comportamento entre os próprios colegas da escola. A discriminação, muitas vezes, associada à agressão física, levava as alunas à represália do mesmo gênero” (SOUZA; SILVEIRA, 2010, p. 251). Sendo assim, o preconceito que os migrantes sofriam – e que, em alguns casos, os faziam sentirem vergonha de serem nordestinos – acabava por influenciar sua formação escolar de maneira determinante.

Segundo as leituras e análises de pesquisas realizadas e, aqui, apresentadas, o principal motivo que leva as pessoas a migrarem é a busca por trabalho e melhores condições de vida; assim, fatores como flagelos naturais, crises econômicas, desemprego, precarização e transformações no mundo do trabalho podem ser determinantes na decisão de uma familiar ao migrar.

Em relação à inserção dos filhos das famílias migrantes no trabalho, verificou-se que, quanto mais precária for a inserção de seus pais no mercado de trabalho, maior é a probabilidade desses jovens ou crianças trabalharem, uma vez que o uso da força de trabalho dos filhos passa a ser uma alternativa para a expansão da renda familiar. Outros fatores – como idade, escolaridade dos pais, número de irmãos mais novos etc. – podem influenciar na inserção do jovem migrante no mercado de trabalho.

Aspectos que não envolvem diretamente a capacidade de geração de renda também afetam a escolarização dos filhos de migrantes; pois, dependendo do capital cultural dos pais, estes poderão ou não ajudar seus filhos nas dificuldades da vida escolar.

Na revisão bibliográfica, também se percebeu que estudantes migrantes podem passar por diversos tipos de dificuldades na escola, que vão desde o preconceito devido ao seu sotaque diferenciado, à sua maneira de se vestir e às características físicas chegando, até mesmo, a agressões físicas. Tais dificuldades enfrentadas pelos alunos migrantes no interior das instituições escolares pode gerar um sentimento de inferioridade por parte dos migrantes e, também, um sentimento de vergonha e, em última instância, levar à evasão escolar. Mas o problema principal, o qual também foi observado nesta pesquisa, conforme análise a seguir, refere-se às dificuldades escolares decorrentes das interrupções do ano escolar motivadas pela migração. Além de problemas relacionados à adaptação escolar, à documentação, à defasagem na aprendizagem, entre outros.

### **3.1 Estudantes migrantes no Ensino Médio da Escola Padre Anchieta**

A E.E.B. Padre Anchieta faz parte da rede estadual de educação e localiza-se no bairro Agrônômica, no município de Florianópolis/SC. Atende jovens moradores das comunidades Morro do 25, Morro do Horácio e Santa Vitória. Tais comunidades fazem parte do MMC-Maçiço do Morro da Cruz, área considerada como “ocupação irregular”, que

abriga cerca de 30 mil pessoas distribuídas, em, pelo menos, 17 comunidades instaladas sobre morros e encostas, cujos habitantes estão submetidos a condições precárias (MARCASSA, 2013).

De acordo com um levantamento realizado na escola, das sete turmas do Ensino Médio e do conjunto de 230 estudantes matriculados, 109 são migrantes<sup>6</sup>. Os estados com maior número de migrantes estudando no Ensino Médio na E.E.B. Padre Anchieta são: Bahia, com 23 alunos; Paraná, com 18 alunos matriculados; Rio Grande do Sul, com 17 matriculados; e, por fim, o estado do Pará, com 16 matriculados. Há, ainda, um expressivo número de alunos migrantes do interior do estado de Santa Catarina: 21 alunos matriculados.

O elevado número de estudantes migrantes não é uma situação particular da Escola Padre Anchieta. Na aplicação dos questionários junto a 11 escolas da área do Maciço do Marro da Cruz<sup>7</sup>, observou-se que a porcentagem de estudantes que não nasceram em Florianópolis é significativa, sobretudo nas escolas: E.E.B. Silveira de Souza (30,47% dos estudantes que responderam ao questionário nasceram em Florianópolis; 67,2% não nasceram; 1,9% não moram na cidade); E.E.B. Padre Anchieta (53,6% nasceram em Florianópolis; 57,7% não nasceram); E.E.B. Simão José Hess (51,6% nasceram em Florianópolis; 47,3% não nasceram; 1,5% não moram na cidade); Instituto Estadual de Educação (55,1% nasceram em Florianópolis; 41,84 não nasceram; 3,4 não moram na cidade); e E.E.B. Henrique Stodieck (53,9% nasceram em Florianópolis; 38,09% não nascerem; 7,8% não moram na cidade).

Como se verifica na produção bibliográfica sobre o tema, a migração pode trazer importantes consequências para a vida das pessoas. Ao chegar ao novo local, evidentemente os migrantes passarão por um processo de adaptação, que consiste não somente em adaptar-se ao clima, ao ambiente e à cultura local, mas fundamentalmente implica conseguir um emprego e um local para morar. Tais consequências atingem diretamente a vida do aluno migrante, visto que será necessário conseguir vaga em uma escola, providenciar a documentação, adaptar-se ao novo ambiente escolar e, muitas vezes, também, conciliar estudo e trabalho – esses são os novos desafios. Em um grupo focal realizado na escola no dia 20 de novembro de 2014, uma estudante do terceiro ano do Ensino Médio, migrante do interior do estado da Bahia, explicou quais eram suas expectativas quando decidiu migrar para Florianópolis e contou por que quer retornar para sua cidade natal.

*“Era estudar... A única expectativa que eu tinha era estudar. Meu plano foi que meus irmãos pagariam a escola para mim, porque aqui tem mais oportunidades. Só que, quando eu vi que eu passava em uma vitrine, e eu queria aquilo e não podia. Daí eu saí de lá, e aluguei uma casa no morro. E fiquei. Daí*

<sup>6</sup> Dos 109 estudantes migrantes, 49 são do primeiro ano do Ensino Médio; 33 estudantes são do segundo ano; 27 do terceiro ano.

<sup>7</sup> A aplicação dos questionários nas 11 escolas faz parte da pesquisa já mencionada na nota de rodapé número 2, intitulada “Juventude pobre e escolarização: relações com a cultura e a escola em territórios de precariedade”.

<sup>8</sup> Aluna do 3º ano do Ensino Médio noturno. Grupo focal realizado em 20 de novembro de 2014. Cabe salientar que todos os relatos apresentados neste estudo foram mantidos sem correções a fim de manter a fidelidade às ideias expressas.

*deu tudo errado, tudo ao contrário. Tudo ao contrário do que eu planejei deu. Eu estou aqui há dez meses, e já quero ir embora. Eu trabalho muito. E bancar uma casa é muito difícil!”*. (informação verbal)<sup>8</sup>.

Observando o caso dessa estudante, é possível verificar que as expectativas que ela tinha ao migrar do interior da Bahia para a cidade de Florianópolis não se concretizaram, pois seu plano era somente estudar. Contudo, a moça viu-se obrigada a trabalhar para sobreviver na cidade. Além disso, essa jovem e muitos outros migrantes do Ensino Médio moram sem os pais, com amigos ou parentes, e têm de se responsabilizar por todas as despesas de uma casa. Em outro trecho do grupo focal, a mesma estudante relata que, quando vivia em sua cidade natal, ela morava com sua mãe e dedicava todo seu tempo para o estudo; mas, agora, em Florianópolis, sua condição de trabalhadora acaba prejudicando seus estudos.

*“Lá, eu estudava em três escolas. Eu tinha projeto de manhã, eu estudava o fundamental à tarde e, à noite, eu fazia um cursinho. Daí meu tempo era todo da escola. E eu não cansava [...]. E aqui... Eu chego aqui já arrasada. Eu desço do ônibus [voltando do trabalho] direto pra cá [para a escola] ou, então, vou em casa tomo um banho e desço. E isso é muito cansativo!”* (informação verbal).

Quando questionada sobre quais foram os motivos que a levaram a escolher essa localidade para viver, a estudante alegou que na sua cidade não há muitas oportunidades de emprego e que escolheu Florianópolis por já ter uma rede de amigos e familiares morando aqui.

*“Mas, onde eu moro não tem [oportunidades de estudo e emprego]. É uma cidadezinha pacata, e os únicos ônibus que têm é escolar [...]. Metade da minha família tá aqui: primo, tia e irmãos. Eu tenho dois irmãos que faz 18 meses que estão aqui, só que eu não vejo eles. Têm 13 meses que eu os vi. Eles moram lá no Morro da Caixa, e eu não vejo”*. (informação verbal).

Em entrevista com a direção da Escola Padre Anchieta, a jovem também relatou sobre a existência da rede de amigos e familiares de determinadas cidades do interior da Bahia e que acabam fazendo com que os migrantes escolham mudar para Florianópolis, por já conhecerem alguém que poderá recebê-los na cidade:

*“[...] a gente percebe que o pessoal que vem tem muita consanguinidade. Eles são todos meio parentes. Então, quando vem um da família, aos poucos os outros membros da*

*família começam a vir também. Um avisa o outro. Eles têm essa rede e começam a vir [...]. Então, eles já ficam por aqui, já moram aqui. Criam raízes aqui, e vão ficando aqui, né? Vão mesclando os hábitos, a cultura, e vão ficando por aqui”. (informação verbal).<sup>9</sup>*

<sup>9</sup> Entrevista concedida a Henrique Brito, em 7 de julho de 2015.

A diretora da escola também falou sobre as problemáticas vivenciadas pelos alunos migrantes da escola. Segundo ela, a principal dificuldade que a escola percebe em relação aos alunos migrantes, é a defasagem da aprendizagem, pois muitos não conseguem acompanhar o ritmo das aulas.

*“Nós também recebemos bastantes migrantes do Rio Grande do Sul, São Paulo, Paraná e Minas Gerais. Mas, a maior dificuldade, os que apresentam maior déficit de aprendizagem... Realmente são os baianos mesmo, porque... Assim, eles têm uma forma de alfabetizar lá que é muito diferente. E muitos alunos vêm para o oitavo ano quase que analfabetos. E eu não estou nem falando de analfabeto funcional, mas analfabeto mesmo, que mal juntam a letra. Então, isso é bem complicado, porque, às vezes, eles não vencem essa dificuldade. E isso é uma situação que acaba empurrando eles para a evasão também”. (informação verbal).*

Sobre situações de preconceito em relação aos alunos migrantes no interior da escola, a diretora percebe que ocorrem algumas situações de *bullying*.

*“Só em algumas situações, assim, que eu vi isso, né? Situações assim, por causa dos termos regionais que eles usam, né? Então, os alunos daqui acham engraçado. Por exemplo, tinha uma menina da Bahia que chamava a mãe dela de mamãe. Aí, os alunos daqui morriam de dar risada, porque mamãe, para eles, é uma coisa que só um bebê fala. Só uma criancinha que está aprendendo a falar que fala mamãe. Então, uma situação de bullying que já ocorreu aqui foi um menino que disse ‘eu nunca ouvi ninguém chamar a mãe de mamãe. Desse tamanho, e chamando a mãe de mamãe!’. Então, é uma coisa engraçada. Ele não entendia que era uma coisa regional [...]; mas, de um modo geral, eles são bem aceitos, né? Eles se integram bem”. (informação verbal).*

A diretora também falou da rotatividade dos alunos migrantes, principalmente os alunos da Bahia. Relatou que essa rotatividade ocorre devido aos empregos. Em outras palavras: enquanto há emprego na cidade, eles permanecem aqui; quando não tem emprego, retornam para a cidade de origem.

*“[...] o pessoal da Bahia, eles vêm e voltam muito. Nós percebemos que, dentro do migrante, eles são mais migrantes do que todos, porque eles têm situações, assim, que eles vêm, se matriculam, frequentam e voltam. E, depois, retornam. Depois, voltam de novo. Depois, retornam. Eles são os que mais ficam, assim, nesse vai e vem. Às vezes, eles viajam para visitar a família. Aí, eles levam todo mundo. Aí, dois meses depois, eles voltam para Florianópolis. Aí, eles querem a vaga tudo de novo. Às vezes, não tem. Às vezes, eles têm que se virar, porque a gente não pode segurar a vaga por muito tempo. Então, eles têm que ir a outras escolas e tal. E isso acontece muito. Toda semana, praticamente, a gente recebe alunos que eram nossos e que estão retornando [...]. Eles vêm muito em função da construção de obra, principalmente a construção civil [...]. Aí, quando acaba a obra, eles ficam todos sem emprego, e voltam todos para lá. Aí, depois, dá um tempo... E lá não conseguem nada também. Aí, voltam pra Florianópolis. Então, eles ficam muito nesse vai e vem [...]. Mas, a gente percebe, assim, que eles sentem muita falta de lá, da cultura de lá, dos costumes e da família, e aquela coisa toda. E isso eles estranham aqui, porque o pessoal tem uma organização diferente”.* (informação verbal).

Em outro trecho da entrevista, quando questionada sobre os motivos que levam esses alunos e suas famílias a migrarem para Florianópolis, a diretora respondeu que o principal motivo é a busca de melhores condições de vida, pois eles pensam que migrando encontrarão emprego, melhores escolas e condições de vida para seus familiares. Porém, nem sempre as expectativas condizem com a realidade; por isso, muitas vezes, acabam retornando para suas cidades.

*“Eles migram mesmo mais pela necessidade. Eles querem, assim, uma escola melhor para os filhos. Eles querem, né? Um atendimento de saúde melhor... Eles acham que aqui tem mais emprego e que é mais civilizado. Eles têm essa ilusão, assim, de achar que o sul é um paraíso. Mas, o custo de vida também é alto. Então, assim, eles vêm muito aqui pela parte boa. Mas, aí, eles começam a ver que algumas coisas não são tão diferentes de lá”.* (informação verbal).

Outra questão levantada refere-se às dificuldades enfrentadas pelos alunos migrantes no processo de realização de matrícula na escola, uma vez que muitos estudantes “principalmente os alunos da Bahia”, conforme dito pela diretora na entrevista, vêm sem os documentos necessários para a realização da matrícula da escola.

*“É complicado! Principalmente os alunos da Bahia, porque eles vêm, e o documento não vem [...]. Aí, é bastante complicado, porque eles não podem entrar na sala de aula sem a documentação, né? Porque a gente tem que comprovar qual é o ano que ele estuda. Então, isso é bem complicado! Geralmente, a documentação não acompanha o aluno. Eles não trazem a documentação, e acham que é só chegar e se matricular. Mas, esquecem que tem toda uma questão de registro, né? Porque já aconteceu da gente colocar em sala, confiando na palavra da família, e depois o aluno não era daquela série. A gente achou que era, mas não era. Então, a gente tem que ter o documento. Sem o documento, o aluno não pode mais entrar em sala”.* (informação verbal).

Por fim, a diretora explicou que existe uma determinação da Secretaria de Educação que impede que os alunos que não tenham os documentos necessários realizem a matrícula na escola. Desse modo, esses alunos ficam sem poder assistir às aulas até que esses documentos cheguem à escola.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que existe um elevado número de estudantes migrantes no Ensino Médio na E.E.B. Padre Anchieta; afinal, no ano de 2015, dos 230 alunos matriculados, 109 são migrantes – valor correspondente a 47,39% do total de alunos do Ensino Médio, sejam eles de outros estados ou do interior de Santa Catarina. Os estados que possuem mais migrantes matriculados no Ensino Médio da escola, além do próprio interior do estado, são Bahia, Paraná, Rio Grande do sul e Pará.

Há uma grande movimentação de alunos migrantes na escola, que chegam a Florianópolis à procura de melhores condições de vida; mas que, muitas vezes por dificuldades relacionadas à manutenção da vida na cidade, acabam retornando para suas cidades natais. Todo esse movimento de “vai e vem”, que ocorre conforme as oportunidades de emprego da família e também do próprio estudante, acaba incidindo diretamente na escolarização desses jovens. Além dos problemas relacionados à adaptação à nova cidade, à escola e de terem que conciliar trabalho e estudo para ajudar na renda familiar, muitas vezes os estudantes são obrigados a retornar para suas cidades no meio do calendário acadêmico, em algumas situações sem avisar a escola; então, quando novamente retornam para Florianópolis, não têm sua vaga garantida na escola.

É importante mencionar, também, que nem todos os alunos migram com suas famílias. Muitos vivem sozinhos ou com amigos em Florianópolis. As migrações são realizadas dentro de uma rede de familiares e amigos que

já está estabelecida na cidade, auxiliando os que chegam. Além das oportunidades de trabalho, a possibilidade de continuar seus estudos em uma escola que possua melhores condições do que as escolas de suas respectivas cidades natais é um fator que motiva os jovens a migrarem para a capital catarinense.

Verificou-se, ainda, o elevado número de estudantes migrantes que estudam no período noturno: dos 30 alunos matriculados no primeiro ano do Ensino Médio no período noturno na escola, 17 são migrantes; dos 24 alunos matriculados no segundo ano, 17 são migrantes; e, entre os 15 alunos matriculados no terceiro ano, 13 são migrantes. Ou seja, do total de 69 alunos matriculados no Ensino Médio noturno da escola, 47 são migrantes (68%). Tal número é bem relevante, posto que corresponde a mais da metade dos alunos matriculados no período noturno.

Por mais que os estudantes migrantes da escola já estejam estabelecidos em Florianópolis, eles não perdem o vínculo com suas regiões de origem. Constata-se isso nos relatos dos grupos focais e, também, na entrevista realizada com a diretora, quando esta relata as ocasiões em que toda a família retorna para sua cidade natal por um período para visitar a família ou, até mesmo, para participar de festas tradicionais da região. Ocorre que, muitas vezes, essas visitas são realizadas no meio do calendário acadêmico, fazendo com que os alunos migrantes percam semanas e até meses de aula.

Após a realização da pesquisa, pode-se verificar que existem algumas situações pelas quais os estudantes migrantes do Ensino Médio da escola passam que acabam interferindo em seus estudos. Os problemas enfrentados podem ser burocráticos – visto que, muitas vezes, os alunos não trazem os documentos exigidos pela escola para a realização de matrícula e ficam impedidos de estudar – ou estar relacionados à própria dinâmica de vida dos migrantes, determinada pela constante busca de trabalho e de melhores condições de vida, onde quer que estas estejam disponíveis e a qualquer tempo. Portanto, o “ir e vir” desses educandos não é determinado pelo calendário escolar, mas pelas condições materiais de vida.

## REFERÊNCIAS

FERREIRA-BATISTA, Natalia; CACCIAMALI, Maria Cristina. Migração familiar, trabalho infantil e ciclo intergeracional da pobreza no estado de São Paulo. **Nova Economia**, Belo Horizonte, v. 22, n. 3, p.1-9, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2010**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=420540&idtema=97&search=santa-catarina|florianopolis|censo-demografico-2010:-resultados-da-amostra-migracao>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2010: resultados gerais da amostra**. Rio de Janeiro, 2012.

MARCASSA, Luciana Pedrosa. **Juventude pobre e escolarização: relações com a escola e a cultura em território de precariedade**. Projeto de pesquisa. Florianópolis, 2014.

MENEZES, Maria Aparecida. Migrações e mobilidades: repensando teorias, tipologias e conceitos. In: TEIXEIRA, Paulo Eduardo; BRAGA, Antonio Mendes da Costa; BAENINGER, Rosana (Org.). **Migrações: Implicações passadas, presentes e futuras**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 7-367.

MESQUITA, Shirley Pereira; RAMALHO, Hilton Martins de Brito. Migração familiar e trabalho infantil no Brasil urbano. In: TEIXEIRA, Paulo Eduardo; BRAGA, Antonio Mendes da Costa; BAENINGER, Rosana (Org.). **Migrações: Implicações passadas, presentes e futuras**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 7-367.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Destinos e trajetórias de camponeses migrantes. In: ABEP. **Anais do VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, 1992. v. 3. p. 161-186. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/1992/T92V03A09.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

SOUZA, Sauloéber Tarsio. Migrantes nordestinos e escolarização no pontal mineiro: (décadas de 1970 a 1990). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DE EDUCAÇÃO: CIRCUITOS E FRONTEIRAS DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL, 7., 20-23 maio 2013, Cuiabá. **Anais...** Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 2013. p. 1-16.

SOUZA, Sauloéber Tarsio; SILVEIRA, Daiane de Lima Soares. Migrantes nordestinas e escolarização em Ituiutaba-MG: (anos 1950-1960). **Histedbr**, Campinas, p. 245-257, dez. 2010.

Recebido em: 07/12/2015

Aprovado em: 17/09/2016